

Carlos Nogueira

Cancioneiro

Narrativo de Baião



IELT
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA E LINGÜÍSTICA TRADICIONAL

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS

Edições Vercial

Cancioneiro Narrativo de Baião

Carlos Nogueira

Edições Vercial

ÍNDICE GERAL

CANCIONEIRO NARRATIVO DE BAIÃO

A. HISTÓRICOS

- I. Lisboa tinham-na os mouros (1 versão)
- II. João Brandão (1 versão)

B. PARA-RELIGIOSOS

- III. Castigo de Deus contra blasfemo (1 versão)

C. AMOR INFELIZ

- IV. Tristeza de jovem malcasada (2 versões)
- V. Zanga entre famílias provoca a morte de dois enamorados (1 versão)
- VI. A triste notícia (1 versão)
- VII. Noiva descobre que ama outro homem e morre pouco antes de casar (1 versão)
- VIII. Morte de dois jovens namorados por amor contrariado pelo pai da jovem (1 versão)
- IX. Morte de dois jovens namorados por amor contrariado pelo pai da jovem (1 versão)
- X. Jovem desprezada pelo namorado por ser enjeitada (1 versão)

D. RAPTOS

- XI. Rapto de uma menina (1 versão)

E. INCESTO

- XII. Jovem forçada pelo pai (3 versões)
- XIII. Jovem pretende de amores seu irmão e admoestada mata a mãe (1 versão)

F. MULHERES SEDUZIDAS

- XIV. Jovem seduzida é desprezada pelo pretendente (1 versão)
- XV. Jovem seduzida convence o namorado a casamento (1 versão)
- XVI. Jovem seduzida vem pedir perdão aos pais (1 versão)

G. CRIMES

- a) Pais que matam os filhos
 - XVII. Mãe viúva mata três filhos para casar com outro homem (1 versão)
 - XVIII. Pai mata uma filha às instigas da segunda mulher (1 versão)
- b) Filhos que matam os pais
 - XIX. Filho mata a mãe às instigas da namorada (1 versão)
 - XX. Filho mata a mãe às instigas da namorada (1 versão)
- c) Assassinato conjugal
 - XXI. Jogador perde tudo e mata mulher e filhos (1 versão)
- e) Diferentes crimes
 - XXII. Homem mata companheira (1 versão)

H. SUICÍDIO

- a) Jovem enganada pelo namorado suicida-se

XXIII. Jovem desprezada pelo namorado suicida-se (1 versão)
XXIV. “No comboio onde tu fores, eu à linha m’hei-de ir deitar” (4 versões)
XXV. “Vou-me deitar a afogar” (3 versões)
b) Suicídio de jovem por o pai não a deixar casar
XXVI. A Rosa e o trabalhador (1 versão)
c) Suicídio dos dois jovens por amor contrariado
XXVII. Isaura e Manuel (1 versão)
d) Jura de amor quebrada pela jovem – suicídio do enamorado
XXVIII. Carlota e Ernesto (1 versão)
e) Outros suicídios
XXIX. Soldado esquecido pela noiva expõe-se de morte no fogo da batalha (1 versão)
XXX. Soldado desprezado pelo pai enforca-se (1 versão)

I. OUTRAS MORTES

XXXI. Febre amarela (2 versões)
XXXII. Jovem morre de insolação depois de trabalhar no campo (1 versão)
XXXIII. Jovem morre em trabalho nas minas da panasqueira (1 versão)
XXXIV. Morte de jovem afogada no rio muito cheio (1 versão)
XXXV. Morte de jovem por acidente numa malhadeira (1 versão)

J. PASTORELAS

XXXVI. “Deus te salve, ó Rosa” (2 versões)

L. DESPIQUES

XXXVII. A menina das laranjas (1 versão)
XXXVIII. Requesto de namoro bem sucedido (1 versão)
XXXIX. Requesto de namoro bem sucedido (1 versão)
XL. Requesto de namoro bem sucedido (1 versão)
XLI. Requesto de namoro mal sucedido (1 versão)
XLII. Requesto de namoro mal sucedido (1 versão)
XLIII. Requesto de namoro mal sucedido (1 versão)
XLIV. Menina que estás à janela (1 versão)
XLV. Padeirinha recusa proposta de casamento (2 versões)

M. PICARESCOS

XLVI. A padeirinha (1 versão)
XLVII. Maria Coxa e Manuel Corcunda (2 versões)
XLVIII. O cobrador e a namorada (1 versão)
XLIX. O patrão e a criada (1 versão)
L. A Rita peixeira e o Chico pescador (1 versão)

N. ASSUNTOS VÁRIOS

LI. A pastora e o gatito (1 versão)
LII. A órfã (5 versões)
LIII. O órfão (1 versão)
LIV. As duas órfãs (1 versão)
LV. A velhinha e a jovem caridosa (1 versão)
LVI. Antoninho e o Pavão (1 versão)
LVII. Despedida duma ama (1 versão)
LVIII. A patroa e a criada descarada (1 versão)

LIX. A tia ladina e o sobrinho oportunista (1 versão)
LX. Patrão procura sedutor de empregada (1 versão)
LXI. Rapariga encobre gravidez (1 versão)
LXII. A mulher rifada (1 versão)

Índice de informantes

Índice de entradas no IGRH

Índice de primeiros versos

Prefácio

Carlos Nogueira

Na origem deste *Cancioneiro Narrativo de Baião*, publicado pela primeira vez em 2003, está o livro, de Maria Aliete Galhoz, o *Romanceiro Popular Português II (Romances Religiosos e Orações Narrativas. Romances Vulgares e Cantigas Narrativas)*¹, que lhe serviu de inspiração.

Esta obra da investigadora do Centro de Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro” da Universidade de Lisboa é ainda hoje a referência fundamental neste género da poesia narrativo-dramática portuguesa. Aqui encontramos não só uma boa classificação de um *corpus* muito vasto e disperso mas também, na “Introdução”, uma síntese exemplar das formas, dos conteúdos e dos significados profundos de muitos textos. Considerando que o *cancioneiro* narrativo não se desvia “da *mesma* fundamentação profunda do *romanceiro* velho”², Maria Aliete Galhoz orienta-se, na sua taxinomia, pelas categorias delineadas por Samuel G. Armistead e pela sua equipa para os três tomos do seu *El Romancero Judeo-Español en El Archivo Menéndez Pidal (Catálogo-Índice de Romances y Canciones)*, publicado em Madrid, em 1978, pela Cátedra Seminario Menéndez Pidal.

A minha classificação, igualmente devedora desse paradigma tipológico, adopta, com algumas diferenças, os grupos abertos por Maria Aliete Galhoz.

O acelerado desaparecimento da cantiga narrativa, evidente no número cada vez maior de amputações e simplificações que afectam também as cantigas mais persistentes na tradição oral portuguesa, não traz o apagamento irreversível desta forma textual da memória portuguesa. Contamos já com uma quantidade muito satisfatória de versões nos arquivos portugueses, publicados ou inéditos, quase exclusivamente com a configuração de monografias, etnografias ou colecções híbridas de lugares ou regiões, já que são raras ou isoladas as acções específicas de colectores como Maria da Ascensão Gonçalves Carvalho Rodrigues (*Cancioneiro da Cova da Beira*, vol. III: *Canções Narrativas, Outros Géneros Poéticos e Adenda ao Romanceiro*³). A

¹ Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, INIC, 1988.

² *Romanceiro Popular Português II*, p. XXXII.

³ Covilhã, Edição da Autora, 1999.

extensa tradição de romances locais ou gerais integra, muitas vezes, cantigas narrativas.

Este *Cancioneiro Narrativo de Baião*, recolhido por mim entre 1994 e 2001, inclui um repertório de 62 títulos para 78 versões. Cada versão é descrita numa rubrica que inclui o nome e a idade do informante, certos apontamentos contextuais a que tivemos acesso durante a entrevista informal, o local e a data da recolha, e ainda o nome do colector, nos poucos casos em que recorri a prospecções pontuais de baionenses interessados no património literário oral do seu concelho.

Com este novo volume firma-se o lugar saliente de Baião na geografia da poesia oral portuguesa. Mas não se deduza desta afirmação que estamos a falar de cantigas narrativas exclusivamente baionenses. Nunca um especialista das chamadas literaturas orais tem elementos suficientemente credíveis e estabilizados para atribuir a uma tradição concelhia ou outra a procedência genética e a exclusividade de circulação de um texto.

É de evitar a noção de exclusividade nacional, regional ou local, sempre que nos referimos à origem autoral e à geografia da cantiga narrativa. Mas é operatório usar-se o conceito de naturalização. Um tema com origem inequívoca ou provável numa folha volante, num folheto de cordel ou num “livro de leitura”, de autor conhecido ou não, popular ou culto, pertence de pleno direito à comunidade que o integra no seu património oral, por mais diversificações diatópicas que lhe conheçamos. O arquétipo em que se inscreve *A Pastorinha*, para nomearmos um tema de, ainda hoje, larguíssima divulgação em Portugal e no Brasil, enriquece-se a cada nova versão. Como qualquer poema narrativo tradicional, esta cantiga narrativa mantém a sua fábula mas admite variações no enredo. As versões dos grupos de música tradicional portuguesa, como a dos Chuchurumel (2007), são a expressão e a síntese de todas as vozes que modelaram um texto com, *grosso modo*, dois finais: um irmão, ocultando a sua identidade e recorrendo a uma estratégia de sedução amorosa, ilude a irmã, que se recusava a sair do monte, e consegue levá-la para casa⁴; no outro tipo,

⁴ *Um pai tinha uma filha que andava co gado no monte; ela já era grandinha, o pai queria trazê-la para casa, e ela não queria. Depois, o irmão, que chegara do Brasil, perguntou-le pela irmã, e o pai disse-le que ela não queria vir, e o irmão disse que a traria. E então se passou o seguinte:*

– Deus te salve, Rosa, clara tão formosa!

Linda pastorinha, que fazes aqui?

– Por esta montanha a guardar meu gado;

Já nasci, senhor, para este fado.

um homem, que nalgumas versões é um fidalgo, revela o seu amor à pastorinha, que, feliz, o acompanha, despedindo-se algo comovidamente da serra, do gado e da família⁵). Permanece o núcleo invariante: o encontro entre a pastorinha e um eu masculino que a interpela e envolve num universo de encantação verbal e física (veja-se a primeira parte da versão baionense citada em nota: “– Deus te salve,

– Por estas montanhas também corre perigo;
Queira a pastorinha, quer ir comigo?
– Palavras mal dadas dum homem honrado;
Como hei-d’ir consigo e *deixá-lo* meu gado?
– Você é ingrata, tão impertinente;
Não falo consigo como a outra gente.
– S’eu sou ingrata, passe muito bem;
Qu’eu sou ingrata.... assim me convém.
– S’assim *le* convém, com bem se vá embora,
Vá guardar o gado pela serra fora.
– *Pola* serra fora isso vou fazendo;
Qu’o amor é tanto, já me vou rendendo.
– Vamos *pera* a sombra qu’aqui faz calor,
E lá experimentaremos o nosso amor.
– Pastorinhos do monte, guardai o meu gado!
Foge a pastorinha co seu namorado!
– É tão namorado, não me digo nada!
Qu’a aposta que eu fiz levo-a ganhada.

E levou-a para casa.

(S. Tomé de Covelas, concelho de Baião, 1902)

(José Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Português*, vol. II, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigenensis, Por Ordem da Universidade, 1960, pp. 385-386)

⁵ – Deus te salve, linda pastora, mais o gado que guardais.

– Vinde com Deus, cavalheiro, vinde, salvado sejais.
– Eu salvei e vós salvasteis, cumprimos o nosso dever.
– Foi a criação que nos deram em a todos responder.
– Formosura como a vossa, como vós linda pastora,
Tão bonita e tão formosa, fala tão encantadora.
– Não venha aqui o senhor escarnecer duma inocente,
Ando guardando o meu gado na serra efectivamente.
– Formosura como a vossa, como vós, linda donzela,
Vinde habitar a cidade, retirai-vos dessa terra.
Que vou fazer à cidade, sem eu lá ser conhecida,
Que vou fazer à cidade, sem lá ter meios de vida?
Basta a vossa formosura, ser bonita e delicada.
– Vou-me despedir da serra e dos ares do meu país,
Eu não posso desprezar quem me a mim fez feliz.
Adeus, pai, adeus, mãe, adeus, gado, que eu guardava,
Adeus, manos, adeus, manas, pia onde fui baptizada.

(Unhais da Serra, concelho da Covilhã, distrito da Covilhã, 1975)

(Maria Aliete Dores Galhoz, *Romanceiro Popular Português II*, p. 1239)

Rosa, clara tão formosa!/ Linda pastorinha, que fazes aqui?/ – Por esta montanha a guardar meu gado;/ Já nasci, senhor, para este fado./ – Por estas montanhas também corre perigo;/ Queira a pastorinha, quer ir comigo?”).

Hélio Galvão, no seu *Romanceiro: Pesquisa e Estudo*, afirma, com propriedade e muito sugestivamente, a propósito da “Linda Pastorinha”: “Este romance português tem um aspecto brasileiro”⁶. O resumo que nos apresenta de duas versões, provenientes de Pedro Velho e de Goianinha, prova, por si só, como o poema oral se naturaliza, moldando-se a particularidades linguísticas e absorvendo realidades extratextuais que referencia e nele se plasmam: “Um casal de crianças, perdendo seus pais, ficou ao desamparo. O menino emigrou para o Brasil, onde o acolheu um tio, comerciante abastado. A menina abrigou-se em casa de uma tia pobre, que pouco depois faleceu. Procurou então a menina viver do seu próprio trabalho e empregou-se como pastora na casa de um lavrador. Homem e já afortunado, o irmão regressou a Portugal, onde inteirou-se do paradeiro da irmã. O lavrador informou-lhe tratar-se de uma rapariga honesta, de costumes irrepreensíveis. Manifestou o rapaz o desejo de falar com a irmã mesmo no campo. O lavrador advertiu-lhe: – Vá, mas diga-lhe quem é, porque do contrário ela não lhe dará atenção. – Vou falar-lhe de amores e assevero que serei atendido. – Aposto que não. Feita a aposta, a xácara nos diz quem ganhou”⁷. Nas duas versões brasileiras, a pastorinha cede, por fim, ao convite do irmão, que revela imediatamente a sua identidade: “– Vem cá, pastorzinho./ Eu não te desprezo./ Com muito prazer/ O gado eu te entrego.// – Ficarei, ó Rosa, sem qualquer intenção./ Beija-me, querida./ Que sou teu irmão”⁸. Mas na versão portuguesa que Hélio Galvão regista, e ao contrário das outras versões portuguesas que fornecemos abaixo, a pastorinha não é seduzida: “– Nas altas montanhas/ Corre grande perigo,/ Diga-me, menina,/ Se quer ir comigo.// – Não é de homem nobre/ O dar tal conselho/ Pois quer se perca/ O gado alheio”⁹. Alimentam a variabilidade da “Linda Pastorinha” a imprevisibilidade e a multiplicidade da vida, de que cada versão é representação e palimpsesto.

⁶ Introdução e notas de Deífilo Gurgel, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1993, p. 33.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Idem*, p. 35.

⁹ *Idem*, p. 36.

A terminar, fazemos uma advertência em relação à edição dos textos. Todas as cantigas narrativas são estróficas, mas esta característica não nos impede de as transcrevermos em pares de hemistíquios, de acordo com a disposição característica dos romances tradicionais. A estrutura sintagmática autoriza este tipo de transcrição, já que os segmentos dísticos se apresentam, regra geral, como um todo sintático-semântico, uma unidade mínima de informação. Há apenas duas exceções: *Lisboa Tinha-na os Mouros* (I, 1), com assonância em *á*, e *A Pastora e o Gatito* (LI, 63), em *í-o*, que, se na versificação configuram romances, são, todavia, autênticas cantigas narrativas na modernidade dos temas e da composição.

A. HISTÓRICOS

I
LISBOA TINHAM-NA OS MOUROS

1
Lisboa tinham-na os mouros (a)

Lisboa tinham-na os mouros, quem la havia de tomar?
El-Rei D. Afonso Henriques e os cruzados a ajudar.
Põem cerco em toda a volta, pela terra e pelo mar,
Atacam todas as portas, por uma foram entrar.
Vencem as armas de Cristo, há mil bocas a gritar
Arraial por Dom Afonso, que a vitória lhe quis dar.
E, lá na torre mais alta, uma cruz a assinalar
Que Lisboa é dos Cristãos, que a souberam conquistar.
Todos juntos, lá na cerca, mãos erguidas a rezar,
Dando graças ao Senhor, que a vitória lhe quis dar.

Recitado por Norberto Vaz Ribeiro, de 55 anos de idade, em 4 de Abril de 2001. Quintela, freguesia de Gestação. O informante aprendeu este texto na escola.

II
JOÃO BRANDÃO

2

Lá vai o João Brandão
Tocando o seu violão.
Casaca à moda na mão
E então, e então, e então.
Trai, trai, ó laré, trai, trai,
Era à moda de meu pai.
O Pastor ah!, ah!, ah!,
Lavrador enganador,
Renhinhi, Rinhónhó,
Ah!, ah!, ah!, oh!, oh!, oh!
Lá vai, no seu alazão,
O ti João Brandão.
Até parece um barão
E então, e então, e então.

Cantado por Isaura Teixeira, de 83 anos de idade, em 5 de Novembro de 2000. Quintela, freguesia de Gestação.